

MEMÓRIA, INFÂNCIA E BRINCAR EM ESCRITOS DE WALTER BENJAMIN: CULTURA LÚDICA, PROCESSO DE FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE¹

Claudia Ximenez ALVES²
Marilda da SILVA³
Paula Ramos de OLIVEIRA⁴

RESUMO: Este texto tem como objetivo apresentar reflexões do pensador Walter Benjamin, um dos mais instigantes intelectuais da modernidade, buscando caracterizar por intermédio da leitura de seus escritos a relação que o autor estabelece entre brincar na infância e cultura lúdica, mais precisamente sobre a memória do brincar e as relações existentes entre infância, cultura, história e memória na sociedade contemporânea pós século XX. Para tanto, nos pautamos em notas, ensaios, traduções e artigos de Benjamin nos quais identificamos concepções de infância e cultura lúdica representadas em experiências vividas em espaços, formas de brincar e tipos de brinquedos constituídos por (e constituintes de) seu paradigma. Observamos no pensamento benjaminiano uma visão de infância não infantilizada, não simplista e não reducionista. Suas obras permitem-nos discutir e justificam a necessidade de uma análise mais apurada sobre o fenômeno da formação e da prática docente no interior do cotidiano infantil escolar. Ao revisitar as idéias originais, críticas e irreverentes de Benjamin, pensando a Educação com e a partir dele, espera-se contribuir com outros estudos que, no campo da educação, vêm elucidando perspectivas acerca do processo de formação e prática docente em relação à cultura lúdica infantil, mais precisamente acerca da infância e dos lugares da infância no contexto contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Memória lúdica. Brincar.

Introdução

O pioneirismo de Benjamin, encontrado em seus escritos sobre a memória do brincar e as relações existentes entre infância, cultura e história na sociedade contemporânea, nos possibilita compreender e desvelar os múltiplos sentidos implicados na cultura lúdica vinculada tanto ao processo de formação quanto à prática docente do e no contexto educativo atual.

¹ Este tema é parte integrante dos estudos realizados para o desenvolvimento da pesquisa de doutoramento em andamento, sob Orientação da Profa. Dra. Marilda da Silva, e inclui reflexões originadas em discussões vinculadas à disciplina *Escritas, leituras e criação: experiências de si*, ministrada pela Profa. Dra. Paula Ramos-de-Oliveira e oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP, Campus de Araraquara.

² Doutoranda em Educação Escolar. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós- Graduação em Educação Escolar. Araraquara – SP - Brasil. 14800-901 - claudia_ximenez@yahoo.com.br

³UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Departamento de Didática. Araraquara – SP - Brasil. 14800-901 - marilda@fclar.unesp.br

⁴ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Departamento de Ciências da Educação. Araraquara – SP - Brasil. 14800-901 - paula-ramos@uol.com.br

Em suas notas, ensaios, reflexões teóricas, traduções, artigos, diários e cartas resgatadas após sua morte, o filósofo Walter Benjamin revisita a própria infância por meio de reminiscências e lembranças de sua memória apresentando-nos, neste exercício de escrita narrativa, concepções de infância e cultura lúdica representadas em experiências vividas em espaços, formas de brincar e tipos de brinquedos constituídos por (e constituintes de) sua história de vida, formação e paradigma de pensamento.

Pressupostos Benjaminianos

Segundo Benjamin, sob a lógica das lembranças podemos reparar e ver o que se manifesta no outro e fora de nós. É nessa perspectiva que atribui importância à história do brinquedo e à memória do brincar, estabelecendo relações entre cultura, infância, experiência, narrativa, história e memória, promovendo interações entre a criança (contemporânea) e seu mundo através da memória de sua infância.

Benjamin tinha paixão por brinquedos. Tanto que alia essa passionalidade a uma genialidade especulativa e poética, que o leva a conceber o brinquedo como “categoria” atrelada ao universo infantil, com peculiaridades que admitem diversas configurações. Sobre o tema o autor afirma que o brinquedo carrega em si toda a cultura em que se insere sua produção: desde a época a qual se vincula, até um modo de ver o mundo e de se relacionar com as crianças, passando também pelo modo de educar e apresentar o legado de uma geração, em outras palavras, um projeto de sociedade.

Dentre as inúmeras questões que as idéias de Benjamin suscitam, destacamos aquela que se refere à sua crítica a uma possível didatização, despertada após o final da guerra, dos brinquedos infantis, dos objetos e da cultura. A preocupação com a pedagogia é uma constante em seu pensamento. Assim, critica tanto o autoritarismo de idade que submete e subjuga as crianças, entendendo ser esta uma representação de pedagogia anti-educativa, quanto reconhece o adultocentrismo presente nas relações sociais e escolares como reflexo de um processo de pedagogização, naturalização e infantilização da infância (e da cultura).

Na teoria do filósofo, a infância é concebida como categoria central da história. Nessa forma de ver, trata-a como indivíduo social inserido numa história, pertencente a uma classe social, produtor e produto de sua cultura. Tal perspectiva benjaminiana nos oferece a possibilidade de compreendermos a história pela forma como concebemos a infância, desnaturalizando-a e atribuindo-lhe identidade própria. Nestes termos, Benjamin propõe uma

antropologia dialético-materialista à sua concepção dada à infância. Seu apreço à pluralidade e a não renúncia do singular em nome da totalidade marcam sua obra e sua construção teórica extremamente ousada em relação à educação.

Ao percorrermos um de seus ensaios, *Infância em Berlim por volta de 1900* (1987), Benjamin nos permite dizer que os conceitos por ele utilizados, tais como memória, narração, rememoração, reminiscência, infância, cultura, brincar, brinquedos e modernidade, partem de um estilo onde os sentidos se apresentam ora ditos ora silenciados, onde o passado do narrador perpassa experiências pessoais que provocam no leitor uma reação empática que desperta e evoca lembranças de uma infância imaginada, recriada, perdida e reencontrada pelo e no sujeito que a acompanha.

Memória em Walter Benjamin

Na perspectiva benjaminiana, o passado, em um adulto, prepara seu presente na medida em que amplia fronteiras, pois não importa ao narrador aquilo que se viveu, mas o que confere significado a essa rememoração. Deste modo, passado é fonte e fenômeno de formação e transformação do sujeito. Passado e presente coexistem, não se separam e são dimensões ativas, incompletas e reiteráveis entre si na cultura contemporânea por ele percebida e criticada.

A história é um conjunto de diferentes temporalidades, onde passado e presente não se superpõem um ao outro. O que tem significação e duração no tempo histórico, para ele, não é representado por uma linha homogênea e linear, pois experiências vividas em diferentes tempos se desenvolvem de um modo contraditório, ambíguo e concreto. Na apreensão do tempo o que importa é a intensidade e não sua cronologia sucessiva e ordenada. A experiência e a narrativa conferem expressividade à história; juntas, permitem-nos compreender os processos culturais e educacionais, em seus impasses e contrastes, pelos quais somos tocados e de onde saímos transformados.

Em vista desta forma de atribuir sentido à memória como parte da experiência humana, dando ênfase à sua condição histórica e mutante, Benjamin explicita a infância e o brincar em sua teoria, associando-as às relações identificadas entre memória e história na modernidade.

Infância, brincar e memória de infância em Walter Benjamin

Em *Infância em Berlim por volta de 1900* (1987) o pensador alemão aborda um tema que privilegia e que nos é caro neste estudo: a experiência de brincar na infância na sociedade contemporânea.

Adorno ressalta no posfácio da primeira edição da referida obra que as experiências vividas e atualizadas pelo adulto Benjamin acerca de sua infância podem ser vistas como sendo de um adulto que olha a si mesmo, como se fosse possível observar e sentir em um ponto quase externo de sua interioridade mesma. Ele mesmo, enquanto criança, a procura de si mesmo pelo exercício da memória, é narrado em primeira pessoa, em um processo que associa história, memória e experiência do passado à luz do presente, objetiva e subjetivamente. Assim, condensa, atualiza e compartilha, na voz do narrador, aquilo que recorda, na singularidade de sua história de infância, da criança que foi.

Os textos produzidos por Benjamin a partir de suas expedições às reminiscências da memória têm uma forma compatível com as possibilidades e limitações da mesma, visto que no resgate da experiência durante sua infância, as concilia com as condições objetivas de sua existência.

É nesse processo que podemos compreender como brinquedos e brincadeiras infantis documentam o modo de o adulto se colocar em relação ao mundo da criança, uma vez que significativas interações da criança com o adulto e seu universo social passam pelo brincar e uso de brinquedos. A memória do brincar é, portanto, um substrato que pode estabelecer liames entre passado e presente, entre distintas realidades espaciais e temporais, individuais e sociais.

Segundo Vaz (2010), em vários de seus escritos, recorda e descreve brincadeiras e explorações de uma criança, ele mesmo, que adora colecionar e, portanto, conservar brinquedos e miniaturas de realidade, numa forma de atribuir, assim, novas configurações a objetos e artefatos, então plenos de ritualidade e signos.

Em seus ensaios sobre a cultura da infância, o brincar e os brinquedos, Benjamin desdobra a história cultural dos brinquedos desde épocas pré-industriais até a década 40 do século XX, atribuindo ênfase a um processo que se inicia no século XIX e que recai na substituição paulatina de objetos lúdicos artesanais por fabricados industrialmente, no período que designa como capitalismo pós-industrial.

A crítica benjaminiana, pensada na contramão das leituras contemporâneas elaboradas até então, nos ajuda a compreender que, sob a lógica da sociedade do consumo, os brinquedos,

assim como muitas brincadeiras infantis, passam a impregnar as marcas das transformações sociais e culturais, a começar pela representação como objeto e bem de consumo que incorpora e reproduz diante das prerrogativas do mercado.

Em *História cultural do brinquedo* (1987) e em *Velhos Brinquedos: sobre a exposição de brinquedos no Markische Museum* (2009), Benjamin reconhece o declínio da simplicidade dos brinquedos, assim como se preocupa com a artificialização e fragmentação de seu uso, que associa ao processo de industrialização do lúdico e da infância, que propicia à criança o distanciamento com os adultos, com o imaginário e com o processo de criação próprio do brincar.

O que nos chama a atenção em suas notas é a forma como se opõe intensamente ao mercado moderno que fabrica brinquedos em escala industrial sob aspectos que desconsideram a infância na sua natureza particular, atribuindo-lhe traços que caracterizam o que o adulto concebe nele, a partir de sua perspectiva, e não aquilo que a criança deseja em relação ao brinquedo.

Segundo Benjamin, o comerciante de brinquedos do século XVIII e XIX era o vendedor doméstico de ferragens e de marcenaria, que produzia os brinquedos nas oficinas manufatureiras de entalhadores em madeira, de fundidores de estanho, de fabricantes de velas e de confeitários de doces. Era o artesão pouco especializado que considerava o brinquedo como um produto com traços peculiares, e que assim, combinava uma técnica primitiva com um material rudimentar, que aproximava pais a filhos.

De acordo com o filósofo, de pequenos objetos os brinquedos tornam-se maiores e perdem sua identidade, subvertendo-se ao controle dos adultos, ao universo do artefato decorativo e à indiferença da criança. No mundo dos brinquedos, mais particularmente no mundo da criança que brinca, se aproximam e misturam-se pedras, plásticos, metais, vidro, madeira, papel, ossos, tecidos ou argila. Estes materiais são mimetizados e transformados em brinquedos numa relação de entrega, emancipação, contemplação e supremacia em relação ao objeto, resistência à banalização, criação e repetição: “Ninguém é mais casto em relação aos materiais do que crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras.” (BENJAMIN, 2009, p.92).

Na brincadeira da criança é o conteúdo imaginário e simbólico que determina sua atividade lúdica e não os objetos-brinquedos que utilizam (na sua dimensão material). Com efeito, contesta a crença de que a criança subordina-se ao brinquedo ou está fundida simbioticamente a ele. O brinquedo é visto como um instrumento híbrido e dialógico, que

permite à criança manipulá-lo conforme seus interesses e desejos: “[...] para a criança que brinca sua boneca ora é grande, ora é pequena, [...] pois se trata de um ser subordinado.” (BENJAMIN, 2009, p.98). Em outras palavras, os brinquedos refletem a transformação e as peculiaridades culturais e históricas pelas quais passam a infância contemporânea nas suas íntimas vinculações com o brincar.

A criança, para Benjamin, imita, incorpora e traduz o realismo do universo adulto para o cenário lúdico infantil, onde tudo pode ser livremente subvertido.

Atrás do cortinado, a própria criança transforma-se em algo ondulante e branco, converte-se em fantasma. A mesa de jantar, debaixo da qual ela se põe de cócoras, a faz transformar-se em ídolo de madeira em um templo onde as pernas talhadas são as quatro colunas. E atrás de uma porta, ela própria é porta, incorporou-a como pesada máscara e, feita um sacerdote-mago, enfeitiçará todas as pessoas que entrarem desprevenidas [...]. (BENJAMIN, 2009, p.107-108).

Nesse contexto, é percebida como sujeito portador de uma natureza cujo imaginário pode ser constituído e reconstituído por personagens sombrios, grotescos e cruéis no ato de brincar. Assim, fica-nos evidente que tanto a criança quanto a experiência infantil esboçada por Benjamin aparecem sempre vinculadas ao mundo do brinquedo, percebido enquanto artefato material, simbólico, cultural e social. Este brinquedo, em si, é apresentado como extensão de seu próprio corpo, confundindo-se com ele, por vezes, como sujeito.

A criança é aquela que reconstrói e ressignifica de um modo compreensível os brinquedos, no ato de brincar. Brincando, a criança renova o antigo, subverte a lógica do adulto e experimenta algo novo. Nesse sentido, “[...] uma vez extraviada, quebra e consertada, mesmo a boneca mais principesca transforma-se numa eficiente camarada na comuna lúdica das crianças.” (BENJAMIN, 2009, p.87).

Brincar com um brinquedo, em Benjamin, assume, na criança, a experiência que lhe permite o refúgio, a perda, o (re)encontro, o domínio de si e o acesso ao outro. Brincando a criança liberta-se e reedita papéis sociais criando para si um mundo próprio: habitual, intenso e renovado. Tal concepção, que emancipa a criança em relação ao artefato-brinquedo que utiliza, corresponde ao modo como ela passa a ser representada a partir do desenvolvimento pós-industrial, enquanto consumista e suscetível às nuances ditadas pelo materialismo cultural pelo qual o brinquedo vem a ser inscrito.

Como exemplo de tal apontamento, percebido como reflexo de tal transformação, Benjamin (reiteramos aqui) critica o processo de plastificação e de homogeneização dos brinquedos, chegando a prenciar, assim, o processo de virtualização, tecnologização e

didatização crescente destes, na associação que estabelece entre imagem e lúdico. É assim que Benjamin se refere ao processo de mercantilização do brinquedo e da criança, que, a seu modo crítico de observar, pode ser percebido tanto nos tipos de materiais (da madeira ao plástico, por exemplo) quanto na forma de produção e formato dos brinquedos, que impõem novas configurações em termos de relação entre estes e as crianças, por vezes doutrinada e condicionada pelos adultos que os produzem.

Em *Infância em Berlim por volta de 1900* (1987), seu estilo literário apresenta um forte apelo autobiográfico, ainda que o próprio autor não nos autorize a categorizá-lo como tal. Sua biografia pessoal nos é apresentada como individual e coletiva, imbricada e implicada entre si, não no sentido clássico e convencional que segue uma cronologia linear, mas descontínua, enquanto expressão construída a partir de fragmentos de pensamentos de uma escrita autoral marcada pela originalidade e distinção de seu modo de ser e ver no mundo, e não pela concisão, objetividade e geometria do projeto que fundamenta a ciência moderna em vista de um estilo racional e cartesiano como forma de expressão, legitimado entre seus pares à época: sujeitos celebrados por sua racionalidade; estudiosos da modernidade do século XX.

Benjamin evoca a experiência histórica de um menino sensível que, a partir da voz e da palavra de um adulto exilado e crítico atento, desvela detalhes, segredos e lembranças de um cotidiano que reflete e condensa imagens de revoltas e desejos coletivos vividos na Berlim do Segundo Império. É nesse cenário que o garoto vagueia, observa e medita pelas ruas e galerias da cidade, casas de amigos, cafés, zoológico, fontes, lojas e caminhos das escolas e se recorda dos passeios com sua mãe, do jeito de caminhar um passo atrás, atento a emoções, lugares, pessoas e paisagens. É deste modo que recupera, em certo sentido, a maneira de ver da criança, sua sensibilidade e valores. A partir de memórias que reconstitui de sua própria infância, em um período histórico marcado por fortes transformações sociais, o autor busca recuperar a cultura lúdica e a forma de perceber o mundo sob sua perspectiva.

O referido livro, escrito em 1933, foi dedicado ao filho Stefan e registra impressões cotidianas e subjetivas sob o ponto de vista de uma criança. À busca de compreensão sobre sua cidade de origem, Benjamin reúne lembranças e recortes de experiências infantis vividas com adultos, brinquedos, escola e livros e(m) lugares significativos em sua formação. Narrado e compartilhado com o leitor, o universo infantil é retratado com riqueza de detalhes a partir de memórias reconstituídas tal como em um jogo de quebra-cabeças.

O passado é apresentado através de imagens, sons, aromas e metáforas, próximas e distantes. Do aroma de maçã assando no forno na manhã de inverno à criança que passeou e entregou-se a diferentes territórios e objetos de sua casa, os acontecimentos entrecruzam

passado e presente, história e memória, revelando-nos pelos labirintos da memória a curiosidade, o encantamento e a estranheza implicados e atualizados na narrativa (assim como na filosofia, literatura e crítica) de Walter Benjamin.

Seu olhar de adulto se conjuga ao tato experimentado e rememorado de e em sua infância. Em *A despensa*, diz: “Na fresta deixada pela porta entreaberta do armário da despensa, minha mão penetrava como um amante através da noite. Quando já se sentia ambientada naquela escuridão, ia apalpando o açúcar ou as amêndoas, as passas ou as frutas cristalizadas.” (BENJAMIN, 1987, p.87-88).

Na referida narrativa, distanciam-se e combinam-se o olhar e o tatear, no qual Benjamin experimenta cheiros, texturas, densidades e espessuras de objetos e lugares plenos de experiências sensoriais.

Em *Criança Desordeira*, apresenta o modo infantil de ver e se apropriar do mundo, suas afinidades e sentidos atribuídos aos objetos do mundo que a circundam. Sua forma de se identificar e compreender as coisas, transformando-as e nelas transformando-se quando brincam, fica evidente:

Toda pedra que ela encontra, cada flor colhida e toda borboleta capturada já é para ela o começo de uma coleção. Na criança, esta paixão revela o seu verdadeiro rosto, o severo olhar de índio, que continua a arder nos antiquários, pesquisadores, bibliômanos, porem com um aspecto turvo e maníaco. Mal entra ela na vida e já é caçador. (BENJAMIN, 2009, p.107).

Nas palavras de Walter Benjamin, as crianças gostam de brincar e sentem-se irresistivelmente atraídas pelos destroços e resquícios que surgem em seu cotidiano doméstico, do trabalho de seus pais ou de espaços outros com os quais tenham contato.

Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande. (BENJAMIN, 2009, p.104).

Neles (nos objetos) reconhecem o mundo das coisas ressignificado para elas, e só para elas. No plano das representações sociais, não brincam somente de ser professor, comerciante, pai ou personagem de televisão, mas também de serem cavalo, moinho de vento, trem, caminhão e trator.

A intenção delas não é só imitar aquilo que perfaz o mundo dos adultos, mas sim estabelecer entre os mais diferentes objetos e percepções do e sobre o cotidiano, e, a partir daquilo que (re)criam em seus brinquedos e brincadeiras, uma nova e particular relação. É assim que as crianças formam seu próprio mundo das coisas, com um pequeno universo inserido em um maior: imitam e criam, fazem de novo, com novos arranjos e interpretações, a partir daquilo que têm de modelo. O autor desarticula, então, a referência de um sujeito que vive em devir, concebendo-o como quem tem outras perspectivas diferentes às dos adultos: “Não são as coisas que saltam das páginas em direção à criança que as vai imaginando – a própria criança penetra nas coisas durante o contemplar, como nuvem que se impregna do esplendor colorido desse mundo pictórico.” (BENJAMIN, 2009, p.69).

De um modo peculiar, os escritos benjaminianos tomam a infância e o brincar na infância, particularmente, como elementos que não admitem fronteiras, como instâncias que dialogam descontinuamente. É assim que nos apresenta o conteúdo e a forma de seus escritos, de um modo dialético e fragmentado, no qual busca recuperar na teoria a dimensão e singularidade e totalidade, como afirma Kramer (1994), a partir de uma perspectiva filosófica onde o micro e o macro se fundem entre as suas memórias de infância (eu) e as de outras crianças (nós) com histórias vividas no capitalismo de sua época, o qual reiteradamente critica e historiciza.

Em um estilo de redação que intercambia concisão e complexidade, Benjamin apresenta uma forma de ser criança: lenta, desorientada e criativa. Tal forma de se mostrar criança coaduna com a forma como a relaciona e aproxima das brincadeiras infantis, e por meio destas à trocas e práticas de conhecimento do mundo das coisas.

Partindo de referências que se mantinham vivas em sua memória, Benjamin assume uma posição de cronista (ou narrador) que faz a história de pequenos acontecimentos do capitalismo pós-industrial; escreve como quem busca preservar os valores da infância. Para isso, alia história e linguagem através da narrativa e a coloca como recurso para se compreender e acessar o passado, entendido como obra inacabada. Assim, privilegia o ato de rememorar e afirma ser através dele possível despertar experiências significativas e esquecidas.

Segundo Gagnebin (2004, p.80), o trabalho da memória e vínculo do passado/presente em Benjamin permite ao seu leitor visualizar imagens de um passado infantil que volta para iluminar o presente por uma coincidência súbita que não depende da memória voluntária do sujeito, visto que não é tida como algo fruto de um acaso. Afirma a autora que Benjamin

dirige sua atenção para fora, e assim, objetiva tal memória numa não-tentativa de rever os êxtases da infância.

Considerações Finais

Das reflexões que foram elaboradas, ao longo deste texto, podemos dizer que no pensamento benjaminiano se assenta uma visão de infância não complacente, não infantilizada, não simplista e, portanto, não reducionista. Suas obras nos surpreendem, dada a contemporaneidade de textos escritos na primeira metade do século XX. Seu senso de realidade e sensibilidade acurado, típicos de um homem culto, inteligente e livre de estilos e concepções acadêmicas convencionais, permite-nos pensar a Educação com e a partir dele.

Ao revisitarmos suas idéias originais, críticas e irreverentes, nos sentimos instigados a pensar e ver o mundo de um modo amplo e profundo, onde tanto a infância quanto os seus lugares possam vir a ser (re)constituídos por geografias, arquiteturas, arqueologias, identidade, gestualidade e materialidade próprias, no contexto contemporâneo. Tais estudos mostram-se fecundos para o campo da educação, especialmente para pensar o processo de formação e prática docentes ligadas à infância no contexto contemporâneo.

MEMORY, CHILDHOOD AND PLAYING IN THE WRITINGS OF WALTER BENJAMIN: LUDIC CULTURE, PROCESS OF DEVELOPMENT AND TEACHING PRACTICE

ABSTRACT: *This text aims to present some ideas of the philosopher Walter Benjamin, one of the most intriguing intellectuals of our time, trying to outline in his work the relationship that the author establishes between childhood playing and ludic culture, more precisely regarding the memory of playing, childhood, culture, history and memory in contemporary society after the twentieth century. Thus, in order to identify reinterpreted experiments, as places, forms of playing and types of toys made out of this paradigm, we were guided by the notes, essays, translations and articles in which Benjamin identified conceptions of childhood and ludic culture. Benjamin's view of childhood is not childish, simplistic or reductive. His works allow us to discuss and justify the need for a more detailed analysis on the phenomenon of development and teaching practice within the everyday schoolchildren. By revisiting the original ideas, and irreverent criticism of Benjamin, thinking education from his account, we hope to contribute with other studies in the field of education, by elucidating the process of development and teaching practice in relation to the ludic childhood culture, specifically regarding childhood and the places of childhood in the contemporary context.*

KEYWORDS: *Childhood. Ludic memory. Playing.*

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Reflexões:** a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades, 2009.

BENJAMIN, W. Infância em Berlim por volta de 1900. In: _____. **Rua de mão única.** São Paulo: Brasiliense, 1987. p.71-142. (Obras escolhidas, v.2).

GAGNEBIN, J-M. **História e narração em Walter Benjamin.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

KRAMER, S. **Por entre as pedras:** arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1994.

VAZ, A. F. Educação, experiência, sentidos do corpo e da infância (um estudo experimental em escritos de Walter Benjamin), In: PAGNI, P. A.; GELAMO, R. P. (Org.). **Experiência, educação e contemporaneidade.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.35-49.